DISCURSO DE POSSE

Caio Lóssio Botelho

É da mais alta significação para a minha vida profissional, compor e participar do quadro efetivo deste sodalício, Instituição que dignifica o universo cultural não só do Ceará e do Nordeste, mas de todo o País.

Desde a sua fundação em 04 de março de 1887, esta Academia de Ciência se tornou um verdadeiro "laboratório" da cultura e da ciência, de onde emanaram as grandes linhas do processo do desenvolvimento regional do Ceará. Expoentes como: Tomáz Pompeu, Barão de Studart, Bezerra de Menezes, Pompeu Sobrinho, Clodoaldo Pinto, Denizard Macedo e tantos outros que fizeram esta Casa com competência, entusiasmo e proficiência, desenvolveram trabalhos importantíssimos para o apuro cultural e científico de nossa sociedade.

Conscientizei-me plenamente da imensa responsabilidade de conviver com as notabilidades que mourejam nesta Instituição, muito embora não possa me despojar de minha humilde e modesta condição de Geógrafo "matuto", oriundo do telúrico Cariri. Mesmo reconhecendo as minhas próprias limitações, ousei aceitar tão nobilitante investidura, pois sabia que o convívio com os maiores luminares da História, da Geografia e da Antropologia cearense, seria de grande valia para o meu aperfeiçoamento pessoal.

O meu amor pela ciência geográfica, fez com que jamais deixasse de cultuar com carinho, dedicação e denodo, a ciência de Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Frederich Ratzel, De Martonne, Jean Brunhes, Vidal De Ls Blache, Varenius, Karl Troll, Everardo Backeuser, Delgado de Carvalho, Waldo Ribeiro Ramos, e tantos outros luminares da ciência do espaço.

Sou daqueles que pensam que o idealismo, a dedicação, a obstinação, criados em torno de um objetivo, de uma causa, podem efetivamente anular as limitações humanas, mas sei também, que nenhum homem pode pretender ser infalível ou puramente científico se navega ao redor de nebulosos *promontórios* do comportamento humano.

No momento culminante da vida o espírito precisa alçar-se sozinho, para além da sua base.

Senhoras e Senhores:

Há ciências que oferecem um acentuado caráter de universalidade, sem contudo absorver outras, à custa das quais ampliam o seu campo de conhecimento. Entre estas, se destaca a Ciência Geográfica. Basta considerar que, tendo como centro de interesse as camadas mais externas da Terra, palco sobre o qual a humanidade desenvolve o drama multimilenar da sua vida, apresenta as mais largas oportunidades de trabalho e oferece quase todo o material que tem servido à construção da sua cultura, cultura esta na maioria das vezes, pejada profundamente de civilização. Se Mackinder já afirmava que a GEOGRAFIA é a ciência do presente explicada pelo passado e a GEOLOGIA é a Ciência do passado explicada pelo presente, isto no campo das ciências naturais, poder-se-ia afirmar que a Geografia é a história no espaço e a História é a Geografia no tempo, ou que a História é a Ciência da mudança, no tempo, e a Geografia é a Ciência de Síntese, no Espaço.

Quero aproveitar a oportunidade para deixar registrado meus agradecimentos aos nomes de dois professores que influíram profundamente na minha modesta formação cultural.

O primeiro, meu inesquecível pai, Jacinto Botelho, magistrado, professor, modelador de minha formação moral, incentivador de minha jornada cultural e que mesmo morto, continua ao lado de minha querida mãe Aurenívea, a serem os estímulos dos meus passos, a razão do meu progresso. Eles, como um rastro de luz, continuam, ainda, a iluminar o trajeto espiritual de minha modesta vida cultural. De fato, como dizia Rui Barbosa, "a morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima"; pois eles jamais estiveram tão presentes no íntimo do meu coração como agora.

O segundo, meu saudoso mestre Dr. Waldo Ribeiro Ramos, Professor, sempre Professor, dotado de uma cultura invulgar e possuidor de uma didática incomum, semeou este grande mestre — fundador em 1958 da Sociedade Cearense de Geografia e História — em meu espírito, o interesse pela Ciência Geográfica. Vim, através das mãos deste saudoso Geógrafo, a ingressar no ensino universitário, e tive nele a mais carinhosa acolhida, mercê das suas grandes virtudes e saber humanístico.

Companheiros:

Venho ocupar o lugar de uma das mais respeitáveis figuras da cultura cearense, a cadeira deixada pelo Dr. Josa Magalhães, cadeira esta anteriormente ocupada pelos grandes sábios: Dr. Virgílio Augusto de Morais — Advogado; Dr. Manoel Soriano de Albuquerque — Professor da Faculdade de Direito; Dr. Álvaro Gurgel de Alencar — Desembargador; Dr. Euzébio de Souza — Juiz, segundo pesquisa do mestre Mozart Soriano Aderaldo. Minha indicação para este sodalício se deve à iniciativa do colega e amigo Manuel Lima Soares, professor que dignifica o magistério cearense. Muitas vezes, em nossos encontros habituais no trabalho e no convívio

fraternal, insistiu ele, pela necessidade de que eu participasse das reuniões e noitadas agradáveis do Instituto. A sua obstinação em que eu viesse a participar desta Academia científica encontrou, também, o apoio do meu colega de universidade, o ilustre membro desta Casa, Professor Rubens de Azevedo, grande cultor da Astronomia cearense, e apoiado também pelo insígne pesquisador e historiador Guarino Alves. Manuel Lima Soraes, sociólogo, geógrafo e doutor em Direito, é realmente um homem de uma conduta independente, atitude corajosa, que sempre se posicionou com condutas firmes, que definem o homem com maior segurança no contexto social: o amigo.

Quero agradecer a decisão da Diretoria e do Plenário desta Casa, pela escolha do meu nome, como membro efetivo desta respeitável Instituição, e em especial ao Exmo. Sr. General Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, pesquisador de largos recursos intelectuais, que me acolheu com muita lhaneza e com muito calor humano.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

A figura do meu ilustre antecessor, Dr. Josa Magalhães, é por todo motivo, uma das mais expressivas na cultura cearense. Médico, portador de uma formação humanística e de um saber invulgar, foi realmente um dos homens mais respeitáveis no convívio cultural alencarino. Sua erudição era divulgada a toda hora, em qualquer lugar, onde aquele esculápio era chamado a se pronunciar. Médico de largo conceito, entendia ele que a medicina era "um agente social que tem a função de difundir a saúde". Apesar de sua compleição franzina e de sua aparente fragilidade, era o Dr. Josa, portador de uma invejável força moral e cultural. Homem simples, de hábitos salutares, voltado sempre para a ciência e para a cultura, que o fez um pesquisador incansável. O talento, mais que a fortuna, teve nele o poder de agir como instrumento de aproximação entre as pessoas, não só pela sua proficiência, mas sobretudo, pela sua simplicidade, o que o fez se identificar profundamente no contexto social e cultural do Estado. Tanto como médico quanto como escritor, desempenhou suas atividades com competência. Deixou uma gama de experiências não só como profissional dos mais afamados, mercê do seu espírito humanista, mas também, como profissional humanitário, o que se podia constatar pela abnegação, o denodo, com que se dedicava aos seus pacientes. Foi um idealista combativo; ligou-se fortemente à criação da Universidade Federal do Ceará, ao lado desta figura ímpar do magistério brasileiro, Professor Antônio Martins Filho, tendo sido nela um dos seus eméritos professores, onde lecionou anos a fio, as matérias Histologia e Embriologia. Formou-se o Dr. Josa Magalhães, pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1924, aos 28 anos de idade. Amante das letras e das ciências, deixou uma bagagem cultural com obras inéditas, sobretudo no que diz respeito aos temas médicos, ecológicos e sociais. Dominou com facilidade o vernáculo e era possuidor de um estilo elegante. Foi-lhe fácil tornar-se um autor consa-

grado e participar também como membro efetivo de várias instituições culturais e científicas, como esta Casa, que ora me acolhe. Publicou o saudoso Dr. Josa Magalhães, 26 trabalhos, entre Teses, Livros, Monografias, Plaquetes, que dignificam a cultura e a ciência cearenses. Destaca-se a sua Tese de Doutoramento em Medicina na Bahia, com o título "Considerações sobre o Estrabismo e seu Tratamento Cirúrgico", em 1924. Um outro trabalho muito interessante, de cunho ecológico, publicado em João Pessoa em 1934, se intitula "Os Ruídos Urbanos e suas Nocividades". Trabalho também de grande repercussão foi "Medicina Folclórica", publicado em Fortaleza, pela Imprensa Universitária, onde deteve o prêmio Cidade de Fortaleza, em 1966. Destaque-se ainda, o "Sentido Evolutivo da História", publicado em 1934; "Euzébio de Souza", publicado em 1948; "Previsões Folclóricas das Secas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro", publicado em 1963; "No Tempo do Esculápio", publicado em 1975, deixou em elaboração o trabalho "Conexões da Medicina", que ele "considerava um dos seus mais pacientes estudos"; é um ensaio cultural, enfocando a medicina deste Hipócrates até aos dias atuais. Publicou ainda em 1933 o trabalho "Da Inumação à Cremação"; no ano de 1970 "O Vaqueiro na História do Crará; e no ano de 1951 publicou "A Margem das Rinorragias". Dentre suas inúmeras publicações, podem-se salientar ainda, as seguintes: "A Influência da Verminose na Hemeralopia Essencial", em 1951; "Discurso à Moura Brasil" em 1946; "Miguel Couto" em 1934 e o "Discurso de Posse no Instituto do Ceará" em 1948.

Nasceu o Dr. Josa Magalhães no dia 08 de janeiro de 1886, na cidade de Canindé-CE, sendo o primogênito do Coronel Joaquim Cordeiro de Magalhães e de sua esposa Da. Francisca Auta de Magalhães. Casando-se com Da. Áurea Campos de Magalhães, deixando dois filhos, o ex-deputado e bacharel em Direito, Dr. Luciano Campos de Magalhães (já falecido) e a advogada Dra. Diana Magalhães Marcílio, esposa do professor Luiz Portela Marcílio, de nossa Salamanca. Iniciando seus estudos em sua terra natal, prosseguiu no afamado Colégio do Anacleto, na Serra de Baturité, transferindo-se, posteriormente, para o Liceu do Ceará, onde fez os preparatórios. Daqui ele se deslocou para a Bahia, onde obteve o Curso Superior em Medicina, aprovado sempre com distinção. Radicou-se por algum tempo na Paraíba, onde produziu os seus primeiros trabalhos literários e participou do Instituto Histórico e Geográfico, exercendo a função de Diretor do Departamento Municipal de Assistência e Saúde Pública, bem assim, o cargo de Delegado de Higiene, no Estado da Paraíba. Retornando à sua terra natal, tornou-se Catedrático da Faculdade de Medicina e membro efetivo do Centro Médico Cearense e do Instituto do Nordeste. Investiu-se como sócio efetivo desta Casa em 04 de fevereiro de 1948, ocupando a cadeira que pertencera a Euzébio de Souza.

Senhores Sócios:

Sentimos que o homem constitui um produto de fatores endógenos e exógenos. As influências da herança étnica e do ambiente interpenetram-se.

A maturidade do indivíduo e da sociedade humana resulta do desenvolvimento ao mesmo tempo psíquico-físico. Colima assim o homem, atingir uma etapa de liberdade, não para evadir-se do ambiente, mas a fim de exercê-la dentro do próprio ambiente.

Diante destas observações, constatamos que nenhuma forma da atividade humana se torna compreensiva apenas em função do corpo ou da mente, até mesmo do indivíduo todo. As explicações têm de ser buscadas nos processos ativos e reativos que ocorrem entre o indivíduo e o meio, o que nos leva a acreditar no seu equilíbrio individual e mesmo social. A própria variação de posição, constante dos elementos, parece ser o caminho da evolução da natureza. Tudo isto só poderá ser explicado considerando a interdependência dos fatores endógenos e exógenos: o homem em si mesmo, paralelamente aos elementos da natureza geográfica.

Dizendo que somos conscientes, exprimimos um conceito mais alto do que imaginamos. Demonstramos que permanecemos atento aos fatos do presente. Isto abrange ao mesmo tempo, o fluxo dos pensamentos, dos sentimentos e das sensações, dentro de nós próprios, e as influências do mundo real externo, a que estamos sujeitos, às vezes de um modo inexorável. Cada mudança na forma ou conteúdo de nossa consciência constitui uma resposta ou uma reação às metamorfoses do ambiente.

O que acontece no mundo externo é tão indispensável para a compreensão de nossa conduta, quanto seja o que se passe ou haja acontcido dentro da mente e do corpo. Lembramos ainda que a essência do pensamento lhes dá uma unidade. Toda a Geografia, mesmo quando se encontra em torno de questões humanas, deve-se apoiar na integral compreensão da região, pois a Terra constitui o cenário dos problemas do indivíduo e dos problemas das sociedades. Daí por que para o campo dos estudos geográficos, convergem enormes caudais de conhecimentos. O meio ambiente explica, até certo ponto, o caráter dos povos e a dinâmica das civilizações. Sem a Geografia, por mais que o espírito humano procure conhecer a realidade global de uma região, estende-se amplamente a faixa do incognoscível, pois esta realidade estará muito além do seu alcance. Ele não poderá fazê-lo sem uma visão geral e de síntese da Filosofia Unitária de nosso Planeta. O milagre se torna palpável e chega mesmo a transparecer, quando sentimos através da Geografia, a harmonia do nosso cosmo. Se a geração encerra um prodígio, a sobrevivência ou a reprodução admiravelmente fascina. É mesmo u'a maravilhosa harmonia da natureza. Vale salientar que a simbiose das coisas e dos seres equilibra o mundo. Nada do plano contingente existe imutável. Por tudo isso, concluímos que as influências geográficas, determinando o local onde vivemos e a maneira

como vivemos, podem mesmo trazer influxos profundos que alteram não só a aparência do homem, mas até mesmo a estrutura do seu caráter.

Por isso, podemos afirmar que se num Estado, a História é, por assim dizer, a sua Alma, a Geografia é seu Corpo.

Não podemos ter um povo são, iluminado, imaginativo, criador e disciplinado, sem que haja um perfeito funcionamento do seu Corpo, sustentáculo de toda a psicologia coletiva.

Ressaltamos por outro lado, que a Geografia, como Ciência aplicada, revolucionou o estudo do Planejamento. Deixou de ser uma Anatomia e mesmo uma Filosofia Regional para se firmar como uma Ciência de Disciplinação do Espaço.

Como Ciência de Organização do Espaço, a Geografia utiliza um enfoque "sui generis", qual seja, a *visão horizontal* da região, diferindo portanto das demais ciências, tanto naturais como sociais, que procuram interpretar fatos e acontecimentos dentro de uma Visão Vertical.

Enquanto as ciências sistemáticas ou tópicas apresentam uma ótica vertical, portanto de análise, a Geografia possui um campo horizontal, tendo como objeto o Espaço e o Lugar, mas funcionando sempre como pontos de contatos ou ligações com as ciências de análise. Ocupa-se a Geografia com o espaço e com o estudo das ações e reações de um conjugado de forças, naturais, biológicas e humanas, que participam, concomitantemente, na dinamização do espaço, dando-lhe uma característica peculiar, decorrente de uma interação e uma síntese de um pedaço de nosso Planeta — a Região. É ela ponte entre as ciências físicas, naturais e humanas.

Enquanto aquelas outras ciências investigam em profundidade, numa visão vertical, chama à Geografia a responsabilidade de identificar, numa visão horizontal, os múltiplos jogos de fatores intervenientes na célula do nosso Planeta — a Região. Para isso, vale-se das contribuições especializadas das ciências verticais ou tópicas como: Astronomia, Climatologia, Geomorfologia, Hidrografia, Biologia, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Política, Economia, etc., fundindo-as ao seu objeto que é o Espaço.

Ressalte-se que o campo de atuação do Geógrafo é o Meio Geográfico (Região). Para uma melhor compreensão do problema, dentro da Teoria dos Conjuntos, imaginemos dois conjuntos:

1. o Meio Físico ou Natural (Espaço Concreto) compreendendo os espaços: cosmológico, climatológico, geológico, hidrológico, biológico;

2. o Meio Humano ou Cultural (Espaço Abstrato) compreendendo os espaços: antropológico, sociológico, psicológico, político, econômico, educacional e tecnológico.

O Meio Geográfico é aquele que só resulta da interseção do meio físico e meio humano.

Isto posto, convém ressaltar que também só interessa ao campo da ciência geográfica o Homem Geográfico, o qual compreende não só o

Homem Habitante, o Homem produtor, o Homem Consumidor, mas sim o Homem em sua Totalidade.

Conclui-se diante desta colocação, que as Regiões Geográficas resultam da interação destes elementos, formando uma unidade orgânica.

Por isso, definimos a Região como uma área cuja campo de forças, através de ações concomitantes e de intensidades variáveis, define uma Unidade, através de laços existentes entre os seus habitantes, cuna organização gira em torno de um centro e dotado de certa autonomia e caracterizado por uma acentuada integração funcional. É pois a Região, um espaço polarizado.

Portanto é necessário saber pensar o espaço para saber nele reagir e melhor organizar-se, sobretudo no Nordeste. Não esqueçamos que "o espaço é a morada do Homem, mas poderá ser a sua prisão", diz Milton Santos, e acrescentamos: quando da ruptura do espaço pelo subdesenvolvimento e pela destruição do equilíbrio ecológico, determinado pelo uso abusivo e desordenado do nosso meio geográfico. Hoje a Geografia é centrada na ótica do trabalho para ser um instrumento do homem. Não basta explicar a região e o mundo, pois cumpre *transformá-lo.* Para isto deveremos conhecer o papel dos processos econômicos e sociais, no direcionamento da organização do espaço, como o do Nordeste, abrindo destarte uma *discussão política* em sua análise geográfica. Como vemos, a Geografia é uma prática social em relação a superfície terrestre. A Geografia é pois uma *Geografia das denúncias* que tem um papel muito significativo na compreensão das relações da produção, nas relações de trabalho, na ação do capital e das forças produtivas que organizam o espaço.

Modernamente, nos Estados Unidos, objetiva a Geografia interpretar o papel das estruturas, dos mecanismos e mesmo dos sistemas econômicos, nos processos de escalas espaciais, sentindo-se sobremodo o grau de transformação da região e da paisagem. Toda uma linha de interpretação geográfica que se baseia na transformação da região, reconhecendo, sobretudo, as diferenças de formas de organização de um pedaço do espaço terrestre — a Região —, mas sempre relacionado com os efeitos da revolução industrial.

Sendo a Geografia ponte entre as ciências físicas, naturais e humanas, podemos afirmar que o papel da Geografia no concerto das ciências será, em futuro próximo, inversamente análogo ao da Filosofia, quando esta começou a delinear à sistematização, as principais ciências, no grande escudo espiritual dos conhecimentos — a Filosofia. Pois, enquanto a Filosofia funcionou como núcleo embrionário de todas as ciências, a Geografia terá o papel de unir, aproximar as diversas ciências estanques, na reconstrução harmoniosa da dinâmica natural e social de nosso Planeta — a região.

A Geografia hodierna não é mais o simples enunciado de países e capitais, como a identificação de rios, lagos, montanhas etc. Essa descrição simples, pura e árida, está para a Geografia, assim como a Anatomia

encontra-se para a Fisiologia. Uma, é apenas acessório da outra. Em Geografia, não devemos estudar simplesmente a composição e forma da região, como se alguém estudasse Anatomia decorando a imobilidade orgânica dos cadáveres, mas sim a análise da Região viva.

No processo evolutivo da Geografia, podemos destacar três (3) fases:

1a.) ANATOMIA REGIONAL

Onde se fazia só a descrição da região, consubstanciada numa falsa corografia toponímica (golfos, cabos, ilhas etc.).

2a.) FISIOLOGIA REGIONAL

Era a fase que (só) explicava o funcionamento da rrgião; período em que a Geografia começou a se corporificar como ciência.

3a.) ORGANIZAÇÃO REGIONAL

Período de aplicação prática da Geografia; fase em que se caracteriza por uma modificação metodológica, em que o *desenvolvimento regional* constitui o seu objetivo.

Nesta terceira fase, a Geografia considera o espaço não só os aspectos físicos, mas sobretudo, os espaços humanos, tendo o homem como centro de todas as atividades da Região. Nela se verificou uma redefinição dos seus objetivos, princípios, métodos, e bem assim, a introdução de novas técnicas.

Filosoficamente, duas tendências envolveram a ciência geográfica:

1. A CORRENTE DETERMINISTA — mesologista ambientalista, naturalista e evolucionista — Filosofia Dialética;

2. A CORRENTE PLURICAUSALISTA OU POSSIBILISTA — Filosofia Cartesiana.

Essas duas filosofias se defrontam, aspirando ao domínio da Geografia até aos nossos dias Elas são representadas de um lado, pela clássica disciplina *Cartesiana* que busca na seqüência dos acontecimentos o estabelecer das leis fatais que regem o Universo e o Espaço; de outro lado, o método *Dialético* que determina o conflito entre a tese e a antítese, para recolher, dos embates dos contrários, sínteses de verdades.

Enquanto a moral *Cartesiana* se fixa em princípios que se encadeiam pelas correlações para formar um todo harmônico e dependente, como uma teoria disciplinadora das relações humanas, a moral *Dialética,* indisciplinada porque resulta de um conflito variável por excelência, é também mutável, dentro dos dados a considerar no tempo e no espaço, colocando-se sempre diante da tese utilitarista, em antagonismo com as dificuldades para fixar em cada caso, o conceito da síntese resultante.

Estas duas tendências desenvolveram no espírito geográfico o estabelecimento de dois critérios:

1. CRITÉRIO FORMAL OU HOMOGÊNEO — que estuda os fatos geográficos dentro de uma luta competitiva, de desafio e resposta. Este critério deu origem às chamadas Regiões Naturais, Regiões Complexas, Regiões Fisiográficas etc.

2. CRITÉRIO FUNCIONAL — que estuda os fatos através da estreita cooperação das partes, dentro de uma intercomplementaridade que gera uma unidade, o qual deu origem às chamadas Regiões Polarizadas, Regiões-programas etc.

Destaque-se, por outro lado, que a Geografia não abandonou os critérios formais, o que ela deu foi apenas uma prevalência aos critérios funcionais.

Ressalte-se, ainda, dentro de uma visão epistemológica, que a Geografia é antes de mais nada uma ciência de observação. As ciências que se baseiam na observação são classificadas em três categorias:

a) CIÊNCIAS SISTEMÁTICAS, TÓPICAS OU VERTICAIS — são aquelas que estudam fatos ou coisas partindo de sua natureza intrínseca,de pontos de vistas que podem ser diferentes: botânica, zoologia etc.;

b) CIÊNCIAS CRONOLÓGICAS — são aquelas que estudam uma sucessão de eventos no tempo: geologia, paleontologia, história etc.;

c) CIÊNCIAS COROLÓGICAS — são aquelas que estudam uma sucessão de eventos superpostos no espaço Geografia.

A Visão Corológica, se constitui na própria essência da ciência geográfica. Esta visão consiste em agrupar as coisas ou acontecimentos que ocorram na mesma parte da superfície terrestre (Região). Este fato é que explica a bipolaridade da Geografia, isto é, ser ao mesmo tempo uma ciência natural e social, que se interagem e criam uma unidade espacial, como fruto da visão integrada.

Sabemos que a matriz das formas de organização do espaço nos é dada também pelas atividades econômicas, pois os fatores naturais exercem apenas o condicionamento do processo estabelecido. Quanto menos evoluída a região, mais evidente se torna as influências dos condicionamentos naturais (clima, solo, vegetação etc.). A *região ativa* é uma Geografia criada pelo homem, através da localização de estabelecimentos industriais e econômicos, de forma a evidenciar fluxos de bens, serviços que irrigam a sua região e não simplesmente drenando as suas riquezas. Procura compreender o papel dos recursos financeiros, na estruturação nodular do espaço, a fim de se evitar subdesenvolvimento — fruto do uso desordenado e abusivo na utilização dos seus recursos naturais e sociais.

Na Geografia há uma unidade ética substantivada numa diversidade epistemológica.

Podemos afirmar que na União Soviética, o espaço é um fator, é uma acumulação de trabalho, uma incorporação de capital, na superfície terrestre, que cria rugosidade durável, que define a unicidade na Região. Todas as atividades produtivas do homem, implicam uma ação sobre a superfície terrestre, uma criação de novas formas, de tal maneira que em Geografia, produzir, é produzir espaço. Não nos devemos esquecer que aí o *Estado* (U.R.S.S.) é o grande criador das regiões geográficas, logo, ele dirige a ordem espacial, as diferenças dos lugares.

Consideramos aí, a Geografia uma ética apoiada na dialética, mas também instrumentalizada numa epistemologia evolucionista e organicista.

Ao lado de tudo isto, a Geografia não pode deixar de considerar o estudo do conjunto, do meio biofísico, como um agente ativo e passivo do meio cultural.

O Geógrafo contemporâneo tem uma importante missão a cumprir, qual seja a de aplicar os conhecimentos básicos das ciências (transmitidas pelos especialistas) à interpretação, à análise e à síntese de dados relacionados com os vastíssimos problemas humanos. Não nos devemos esquecer que dentro do Princípio da Evolução Natural que comanda o Universo, sabe-se que a evolução cósmica determinou a evolução telúrica (geofísica), esta condicionou a evolução biológica, que, por sua vez, condicionou a evolução antropológica e a psicológica, na projeção espacial dos fenômenos e fatos. Ressalte-se que o equilíbrio é um princípio universal, e que se torna mais palpável quando sentimos a harmonia da natureza, pois as mesmas leis gerais que governam os Macrocosmos (sóis em torno destes girando os planetas e satélites) governam também os Microcosmos (os núcleos dos átomos, em torno destes girando os elétrons). Por tudo isso, denota-se claramente, que o importante não é apenas o conhecimento das necessidades do homem, mas sobretudo, importa conhecer o homem dentro de sua visão integral, dentro de uma concepção universal, pois a sobrevivência humana é fruto de um equilíbrio, face ao princípio da universalidade que governa o mundo.

Convém ressaltar que a Geografia moderna visa a interpretar o papel das estruturas *físicas* (arquitetura dos volumes rochosos, solo, clima, vegetação) e também o papel das sociedades *humanas* (densidade demográfica, mecanismos e sistemas econômicos, organização social, nível tecnológico), na organização do espaço, isto é, toda essa tessitura pejada de densidade histórica, a que damos o nome de CIVILIZAÇÃO, à qual corresponde os empreendimentos destinados a modelar o espaço herdado, para nele se introduzirem *estruturas técnicas, jurídicas e administrativas* que derivam do espírito de sistematização e utilização inerente à condição humana, cuja ação visa em última análise, à promoção do bem-estar da sociedade. Ressalte-se, todavia, que o homem ao remodelar o espaço herdado, introduzindo novas técnicas, novas estruturas jurídicas, administrativas e econômicas, fruto da ação humana, pode direcionar as regiões a dois processos:

a) a uma reorganização espacial — conduzindo ao bem-estar da sua sociedade humana;

b) a uma desorganização espacial, que se fará:

b.1. no campo físico — levando a ruptura do equilíbrio ecológico

b.2. no campo social — conduzindo ao subdesenvolvimento.

Todos estes fatos, são pois uma decorrência da ação humana, destacando-se que, as macrorregiões estão sujeitas mais às forças do equilíbrio cosmológico ou astronômico, e as mesos e microrregiões estão mais sujeitas à ação da sociedade humana.

Concluímos pois, que se no espírito geográfico, outrora se admitia o *determinismo ambiental,* hoje é justo falar num *determinismo cultural,* fruto da revolução industrial, da tecnologia, do processo econômico e do processo político, este último decorrente da revolução democrática.

Por outro lado, dentro de uma visão epistemológica, podemos afirmar, que a melhor maneira de as ciências atingirem a sua maturidade, é quando elas definem de uma forma clara, concisa e precisa, não apenas os seus métodos próprios, mas também os seus objetos singulares (material e formal).

Queremos ao finalizar a presente oração, destacar que dentre as diversas teorias científicas, filosóficas, históricas e geográficas que definem melhor a evolução e o desenvolvimento do homem no seu espaço é a Teoria de Desafio e Resposta do grande filósofo britânico Arnold Toynbee. A teoria daquele pensador inglês explica que há um desafio constante do meio aos esforços humanos, um repto permanente do meio ambiente às populações nele inserido. A hostilidade desse meio ambiente determina ao homem nele engolfado a necessidade de uma resposta. Da possibilidade de uma resposta ou não ao desafio do meio, corresponderá o avanço ou recuo no caminho da civilização. Esta doutrina representa indubitavelmente, a melhor compreensão do evolucionismo das civilizações. É imprescindível lembrar que o desafio ora permanece latente muitas vezes, e outras vezes, presente, de forma a exigir a vigência intérmina da resposta encontrada, e, em outros casos, exigindo novas respostas, para entrepor-se à evolução do desafio. Pode-se mesmo avaliar a potencialidade e o grau de civilização de uma Nação, através da resposta de sua sociedade humana ao repto lançado pelo seu meio. Ao desafio de uma região deve corresponder uma resposta adequada de seus habitantes (sociedade). Desafio e Resposta são conceitos essencialmente dinâmicos e, portanto, passíveis de evolução. Evoluirão ambos, e à progressão de um caberá a correspondente reavaliação do outro. Nesse evoluir está a chave para a explicação da decadência, desintegração e progresso das civilizações.

Por isso afirmava Immanuel Kant — "Sem o fundamento geográfico, a História pouco se diferenciaria dos contos de fadas". E dizia Spengler: "Mas a história do homem . . . anda tão unida por mil raízes à história da região, que sem esta, não se compreende bem a vida, a alma, o pensamento".

Finalmente, quero deixar registrado o grande incentivo dado pela minha esposa Maria José Rondon, estímulo em todas as horas difíceis de minha existência, e alegria nos felizes momentos de nosso sublime convívio, bem como, às minhas filhas e filho, meu comovido e profundo

agradecimento pela solidariedade prestada no desempenho de minha profissão. Aos meus colegas de magistério — os meus irmãos por sangue e por afinidade, aos meus parentes, aos meus amigos, aos companheiros, apresento o meu mais profundo agradecimento pelas presenças fraternas e calorosas nesta noite memorável; enfim, a todos aqueles que vieram dar calor humano a esta festa de cultura, que muito purificou o meu espírito.

É numa atmosfera deste quilate que, realmente, pode-se contribuir para a grandeza de nossa Pátria. O meu obrigado final aos membros do Instituto do Ceará, às excelentíssimas autoridades, aos colegas e à juventude, que, com muito brilho e honra, abrilhantaram e emularam o meu espírito.